

# MULHERES EM GUERRA: O DRAMA DA GUERRA DO PACÍFICO NOS ROMANCES DE RODRIGO LEAL DE CARVALHO

## WOMEN AT WAR: THE DRAMA OF THE ASIA-PACIFIC WAR IN RODRIGO LEAL DE CARVALHO'S NOVELS

Pedro d'ALTE\*

**Resumo:** A literatura de Macau em língua portuguesa tem vindo a registar um preocupante decréscimo produtivo nas últimas décadas. No entanto, importantes relatos ficcionais surgiram desde 1990. Tais obras apresentam uma visão profunda e detalhada do modo de vida autóctone – especialmente durante o século XIX e a primeira metade do século XX. Ao contextualizar as vivências das personagens numa baliza temporal muito específica, o narrador exhibe qualidades etnográficas ao longo dos romances – permitindo, ao leitor, entender e conhecer tais experiências. Embora a produção estética e literária de Macau seja apresentada com elevada qualidade e relevância literária, a sua atenção académica permanece um tanto periférica nos estudos académicos atuais. Acresce, a este tópico, o défice na análise de imagótipos femininos, especialmente a Oriente – o que agrava o cenário investigativo. Neste quadro, assume especial relevância uma revisão crítica da literatura macaense e, em particular, de Rodrigo Leal de Carvalho. Sobretudo porque o autor concede especial ênfase a personagens femininas nos romances selecionados e que se situam num cronótopo idêntico: Macau durante a Guerra do Pacífico. Através das obras literárias de Carvalho, “A mãe” e “Requiem por Irina Ostrokovff”, este artigo visa explicar e contextualizar as representações femininas em ambientes bélicos. Este exercício revela-se pertinente porque (i) contribui para a construção de conhecimento sobre a literatura em português e seus espaços; (ii) fornece perspetivas sobre alguns escritores periféricos no quadro da literatura em português; (iii) explica estereótipos femininos localizados historicamente, social e culturalmente; (iv) expande os estudos de género sobre a literatura em português a Oriente.

**Palavras-chave:** Literatura em Português. Literatura de Macau. Imagótipo feminino. Guerra do Pacífico. Rodrigo Leal de Carvalho.

**Abstract:** It has been observed that the Macanese literature in Portuguese has dwindled in recent decades. However, important fictional accounts have appeared since the 1990s. Such books present a deep and detailed view of autochthonous way of life - especially during the 19th century and the first half of the 20th century. By contextualizing the character's experiences in a very specific temporal frame, the narrator displays ethnographic qualities throughout the novels – allowing the reader to understand and to know these experiences. While Macao's aesthetic and literary production are featured with high literary quality and relevance, their academic attention remains somewhat peripheral within current academic studies. Furthermore, a deficit in the analysis of female figures remains largely unaddressed in the Orient, thereby worsening the situation. Within this framework, a critical review of Macanese literature and, specifically, Rodrigo Leal de Carvalho is particularly relevant. As a matter of fact, the author places special emphasis on female characters in the selected novels, who reside in a similar chronotope: Macau during the Asia-Pacific War. Through Carvalho's literary works, “A mãe” and “Requiem por Irina Ostrokovff”, this article aims to explain and contextualize female representations under warlike environments. It is necessary to undertake this exercise because (i) it contributes to the building of knowledge about Portuguese literature and regional areas; (ii) it provides insight into some

---

\* Doutor em Literatura Infantil pela Universidade do Minho. O presente artigo resulta do projeto de investigação de pós-doutoramento apresentado à Universidade Aberta e que se intitula “A mulher na literatura em português a Oriente: o caso de Luís Cardoso e de Senna Fernandes”. Colabora, atualmente, com a Universidade Politécnica de Macau. ORCID Id: 0000-0001-7264-9106. Email: [pedrodalte@outlook.pt](mailto:pedrodalte@outlook.pt)

peripheral writers of the latter academic landscape; (iii) it explains historical, social and culturally situated female stereotypes; (iv) it expands gender studies on Orient literature.

**Keywords:** Literature in Portuguese. Macao's Literature. Female imago type. Asia-Pacific War. Rodrigo Leal de Carvalho.

## Introdução

A literatura em português a Oriente é densa na representação do *modus vivendi* das populações autóctones, pois os literatos modelam com rigor, com profundidade e sob um forte “efeito do real”<sup>1</sup> os ambientes sociais e as personagens, a tal ponto de o narrador assumir contornos etnográficos<sup>2</sup> - o que permite constituir a narrativa como uma fonte documental que é representativa de personagens arquetípicas e da cosmovisão da época<sup>3</sup>.

A presente análise pretende usufruir deste sortilégio narrativo e debruçar-se sobre uma franja histórico-social representada por meio da literatura: as figurações femininas nos tempos que gravitam ao redor da Guerra do Pacífico (1941-1945).

Para cumprir tal intuito, a constituição do *corpus* literário central cinge-se a obras sobre Macau que representam o cronótopo em destaque (BAKHTIN, 1986) e que trazem a figura da mulher para o centro da trama: *Requiem para Irina Ostrokoff* (1993) e *A mãe* (2001) da autoria de Rodrigo Leal de Carvalho.

Sumariando, as obras escolhidas permitem a intenção do presente trabalho que radica, por um lado, na ideia de averiguar a evolução pessoal da mulher, as dinâmicas e os jogos de força que as personagens femininas experienciam nos períodos exigentes de guerra e de conflito<sup>4</sup>.

---

<sup>1</sup> Existe como que uma autenticação do ato narrativo ao forçar, no leitor, um jogo interpretativo de horizonte realista. Isto é, abeirado aos códigos de ação que existem no nosso universo da experiência (HAMON, 1982).

<sup>2</sup> Permite-se, com este tipo de narrativa, dar uma dimensão interpretativa à literatura tendo por base estudos históricos e antropológicos (PINA-CABRAL; LOURENÇO, 1993).

<sup>3</sup> Oliveira (2011) entende que a narrativa de Senna Fernandes evidencia o seguinte conjunto de particularidades: i) o corpo central da narrativa possui um conjunto de descrições laterais de grande valor histórico porque fixam aspetos da cidade que ajudam a compor o ambiente social e político dos fins do séc. XIX e primeiras décadas do séc. XX; ii) a linguagem usada é visual, pictórica e cinematográfica e permite transportar o leitor para um tempo que já não é próximo; iii) em termos temporais, a ação está relativamente circunscrita e delimitada, sendo raras as narrativas que ultrapassam, cronologicamente, a Guerra do Pacífico; iv) os textos têm um pendor memorialista e constituem um precioso legado de literatura lusófona no qual Macau pode ser objeto de recriações (OLIVEIRA, 2011, p. 859). A súmula pode, sem prejuízo, ser aplicada aos restantes autores elencados: Rodrigo Leal de Carvalho e Maria Ondina Braga (D'ALTE, 2021).

<sup>4</sup> Simas defende que, sobre a leitura da figura da mulher (a subalternidade feminina, o mercado matrimonial, a escravidão e a venda de mulheres ou o uso de mulheres em lides domésticas ou de cariz sexual) há muito trabalho a ser feito (SIMAS, 2020, p. 36).

Por outro, pretende-se contribuir para a construção de conhecimento sobre estas literaturas, contextualizando tais vivências como parte integrante da experiência lusófona (VENÂNCIO, 2008).

### **A Guerra do Pacífico**

A Guerra do Pacífico pode designar dois eventos distintos. A primeira referência, respeitando-se a ordem cronológica, ocorre no século XIX e tem que ver com o conflito ocorrido entre 1879 e 1883 e que opôs o Chile às forças conjuntas da Bolívia e do Peru. Em termos genéricos, a discórdia deu-se devido à existência de desavenças no que diz respeito ao controlo de uma parte do deserto de Atacama, rico em recursos naturais. No saldo da guerra, existiram mudanças territoriais e o Chile acabaria por anexar a região de Tarapacá e de Antofagasta. Ainda hoje, existem cicatrizes deste conflito, dado que o acordo de paz custou à Bolívia o impedimento de um acesso ao mar.

A segunda entrada lexical possível para a Guerra do Pacífico remete para um outro palco e período bélicos. Fala-se de uma enorme contenda integrada na Segunda Guerra Mundial e que ocorreu na grande área asiática (1941-1945). Apesar deste curto balizamento temporal, as razões da disputa são mais antigas de onde se pode destacar o Incidente de Mukden<sup>5</sup>, em 1931, como um forte catalisador da invasão japonesa da Manchúria<sup>6</sup>. Entre 1931 e 1937, as duas potências asiáticas cultivaram relações de inimizade, registando-se vários episódios de confrontação entre exércitos do Japão e tropas nacionalistas chinesas do Kuomintang. Em 1937, é declarada, formalmente, a guerra pelo Japão - ato motivado pelo Incidente da Ponte Marco Polo.

O presente artigo explora a encenação literária atinente a este último contexto histórico, pretendendo perspetivar como a vida das personagens femininas é afetada, devido a este conflito mundial.

---

<sup>5</sup> Os militares japoneses sabotaram parte da sua própria secção do caminho de ferro com o intuito de culpar dissidentes chineses. Deste modo, poderiam criar um contexto que favorecia e justificava atitudes belicistas para com a China.

<sup>6</sup> Hoje, corresponde à região do Nordeste da China. Engloba as províncias de Heilongjiang, Jilin e Liaoning. O território serviu de casa ao império Manchu que dominou toda a China entre o século XVII até à primeira década do século XX.

## O drama feminino – antes e ao redor de Macau

### *Da Rússia sem amor: a primeira fuga*

Rodrigo Leal de Carvalho é um escritor, nascido na Praia da Vitória, Açores, Portugal, a 20 de novembro de 1932. Licencia-se em Direito pela Universidade de Lisboa. Ingressa, posteriormente, na Magistratura. Chega a Macau em 1959, como Delegado do Ministério Público. Mais tarde, é apontado Procurador da República e Presidente do Tribunal de Contas. Em Macau, reside, com curtas interrupções, até 1999 - data na qual Macau é devolvida à administração chinesa. É também na “boa porta”, nome que os chineses atribuem a Macau, que desponta como escritor, sobretudo como romancista. O seu primeiro título *Requiem por Irina Ostrakoff* (1993) foi publicado em 1993, pela editora Livros do Oriente. No ano seguinte, a obra é agraciada com o Prémio IPOR, em 1994. Neste mesmo ano, é editado *Construtores do Império* (1994). *A IV Cruzada* (1996) e *Ao serviço de sua Majestade* (1996) partilham o mesmo ano de edição. Mais recentemente, o público leitor pôde receber *O Senhor Conde e suas três mulheres* (1999), *A mãe* (2000), *O romance de Yolanda* (2005) e *As rosas brancas de Surrey* (2007).

Em relação aos dois livros escolhidos para análise, em termos de construção narrativa, *A mãe* e *Requiem por Irina Ostrakoff* apresentam-se bastante semelhantes. O *incipit*, a moldura inicial, é o ponto de chegada de toda a narrativa. Os restantes capítulos configuram-se como o desenovelado da trama e explicam como a história se desencadeia até ao momento revelado no primeiro capítulo - em jeito de retorno e de analepse narrativa<sup>7</sup>. Outra particularidade é o primeiro capítulo revelar-se como moldura de tragédia em que se dá a morte de uma personagem.

As figuras principais vivem na Rússia czarista que sofrerá profundas alterações na primeira metade do século XX. Porém, “os seres de papel”<sup>8</sup> femininos pertencem a estratos

---

<sup>7</sup> Pereira (2015) confere maior destaque a este aspeto da construção narrativa: “Construído em analepse circular, com o primeiro e o último capítulos a focarem, com variação de perspetiva e de focagem, o mesmo acontecimento (morte súbita de Irina), tal como de certo modo o segundo capítulo e o “Epílogo com epitáfio” (arrolamento judicial do espólio de Irina e procedimento cínico e voraz de viúvo Igor), o romance prima pela criação de expectativa” (PEREIRA, 2015, p. 308).

<sup>8</sup> Expressão de Roland Barthes (2001).

sociais distintos. Irina Ostrakoff vive em Odessa<sup>9</sup> e descende da mais fina nata russa. Lieven (2006) define este grupo da seguinte forma:

Although members of the imperial social and political elite were almost all hereditary nobles, the hereditary nobility as a group was not a class, let alone a ruling class. It was not a class above all because of its enormous heterogeneity in terms of wealth, culture, lifestyles, economic interests, ethno-national allegiances and careers. Even its aristocratic core was not a true ruling elite because it lacked the political institutions which would have allowed it to define and defend coherent policies and interests, choose its own leaders and control the government machine (LIEVEN, 2006, p. 228).

Apesar do discurso historiográfico defender uma certa flutuação de valores em diferentes dimensões, a obra não exhibe, por parte das personagens, crises identitárias em relação à nacionalidade. Talvez, este aspeto permita situar a família de Irina dentro de uma esfera de influência russa. O mesmo autor escreve o seguinte:

All these families were ethnic Russians by the eighteenth century thought the cosmopolitan and frequently French-speaking world of Petersburg high society was often seen as alien, even disloyal, by nineteenth-century Russian nationalists. Nevertheless it was one of the strengths of the tsarist regime that it was able to incorporate the aristocracies of most of its non-Russian peripheral regions into the imperial nobility and even into the Petersburg aristocracy. This was particularly crucial as regards the Ukraine. (...) Some of the most famous names of eighteen and early nineteenth-century Russian political history (Razumovskii, Potemkin, Bezdorodko, Kochubei) were minor nobles of the Western Borderlands transformed by imperial favour and their own ability into core members of the Petersburg elite (LIEVEN, 2006, p. 233-234).

---

<sup>9</sup> Odessa foi, e é, uma importante cidade ucraniana localizada no sul do país. Na época a que o texto de R. L. Carvalho reporta, a cidade já competia, em importância, com S. Petersburgo graças ao seu porto marítimo que permitia, entre outros, uma ampla exportação cerealífera. Aliás, ainda hoje, a Ucrânia detém a popularidade de ser o *breadbasket* da Rússia e da Europa (BIRCH, 2000). Apesar desta particularidade, a de a personagem residir no que hoje é tido como território ucraniano, Irina não exhibe qualquer flutuação identitária face à sua nacionalidade russa. Aliás, quando em situação de privação, Irina procura juntar-se a outros compatriotas com os quais compartilha a língua, valores e alguns gostos. Veja-se, neste sentido, a companhia que faz a Igor quando este tenta alcançar alguma redenção ao tocar balalaica, um instrumento de cordas russo, ou Big Bertha que auxilia o casal da melhor maneira que consegue, mesmo quando nada os unia senão uma mesma nacionalidade. Em todo o caso, o território de onde Irina é originária vinha, com maior fulgor, desde 1860, a cimentar a consciência identitária nacional - por virtude de reconhecimento de uma pretensa singularidade cultural que afasta a Ucrânia da Áustria e Húngria, da Polónia e da Rússia - e a acalentar um desejo de independência em determinadas fações da população. Este esforço foi visível na promoção da língua ucraniana e no estabelecimento de escolas que promoviam a cultura ucraniana e forjavam as bases de uma identidade singular. Ainda que presa numa peculiar situação de alinhamentos políticos ora com o império soviético ora com o império Austro-Húngaro, a Ucrânia teria uma curta independência entre 1918 e 1920, aproveitando o caos político russo (BIRCH, 2000; MAGOCSI, 1996; PLOKHY, 2015). À época, Irina Ostrokoff, a figura literária em análise, já se encontrava longe das fronteiras do império russo.

No que diz respeito à educação, esta porta uma feição elitista e europeísta que integrava a aprendizagem de línguas - havendo claro destaque para o francês, estudado com recurso a uma perceptora contratada, igualmente francesa -, e o desenvolvimento musical:

Irina fazia progressos no canto e no piano, matérias que estudava por gosto. Mas, em vez das intermináveis escalas e das monótonas *lieds* que maestro Feodor lhe fizera gorjear, cantava agora, num soprano ainda mal definido, mas não desagradável, os *couples* das operetas de Léhár e *Offenbach* que *Mademoiselle* trouxera de arais, contrabandeados na sua bagagem cultural (CARVALHO, 1993, p. 95).

No plano familiar, as uniões matrimoniais eram estudadas e aprovadas se benéficas. No caso de Irina, Igor foi previamente avaliado, equacionando-se, no processo, a sua elegibilidade para marido:

A pessoa do oficial do czar, o seu passado, o presente e o futuro foram devidamente considerados. Os oficiais do exército imperial gozavam de grande prestígio social. Provindos de boas famílias, aliavam ao nome, se nem sempre a fortuna (dada a infeliz pendência de alguns dos nomes das grandes famílias para a dissipação), pelo menos a perspectiva de um futuro brilhante nas não muito exigentes carreiras militar ou política (CARVALHO, 1993, p. 110-111).

Apesar de o noivo transparecer uma certa relutância por Irina ser menor aquando da marcação do casamento, o narrador depressa esclarece que “era comum, na sociedade russa, as mulheres casarem cedo e que a própria avó casara ainda antes de ter 16 anos” (CARVALHO, 1993, p. 110). De facto,

[w]omen in the upper classes, particularly princely families, could marry very young to cement alliances – one was recorded to have been married off at age 8 – but for most people, marriage come later; Church law dictated that girls could marry at 12 and boys at 15 (BUCHER, 2008, p. 192).

O modo de narrar exacerba, de novo, a dimensão histórica e etnográfica. Neste enquadramento, é legítima a apropriação da lição de Puga, a respeito dos escritos de Ana Maria Amaro, escritora que também evidencia esta característica. Sobre este tipo de escrever, diz o professor o seguinte:

As vertentes histórica e etnográfica enriquecem o texto ao elaborarem um jogo de significados e leituras apenas decifrável para o leitor competente; daí que a narradora recorra à observação do que a rodeia para representar a memória de uma determinada época, tarefa que é levada a cabo sobretudo por antropólogos e historiadores para estudar comunidades dos mais diversos locais e épocas (PUGA, 2011, p. 70).

Retomando a análise das personagens, diametralmente oposta, no que tange às condições sociais, aparece Natasha Korbachenko. A russa foi criada pelo pai, viúvo, ex-sargento do

exército imperial russo. Após a sua aposentação militar, o pai de Natasha torna-se taberneiro numa aldeia fronteira com a Manchúria, denominada Nikolskoye<sup>10</sup>. O território em apreço, palco de inúmeros conflitos, aguçou a destreza e a rudeza da personagem que, desde cedo, se habituou a alterar com ciganos contrabandistas – muito à imagem do que o seu pai fazia<sup>11</sup>. Efetivamente,

[p]or imposição das circunstâncias e apoiada em manifesta herança genética, fora forçada e habituara-se desde muito cedo a tomar decisões e assumir responsabilidades; quando o pai saía à caça do antílope ou da lebre, Natasha ficava à frente do estabelecimento e não obstante a juventude, ninguém a levava ao engano e, ao avaliar a mercadoria sonogada aos direitos aduaneiros, não se coibia de discutir o preço e as condições de pagamento. E quando vendia, não fiava. Criada desta forma num ambiente de cariz quase militar, achava-se à vontade na sociedade masculina e rude da taberna e não a intimidava a familiaridade grosseira da clientela (CARVALHO, 2001, p. 24).

As personagens introduzidas irão ver as suas vidas novamente alteradas e modeladas por novo fenómeno bélico comum, de força e de escala mundiais: a Guerra do Pacífico. Apesar de não ter existido um ataque direto a Macau, houve, seguramente, a experiência indireta do trauma da guerra e uma existência fortemente condicionada e dolorosa. No ponto seguinte, serão lidos os percursos das personagens femininas até se refugiarem em Macau.

### *Em Xangai*

A vida de Natasha Korbachenko é sucessivamente abalada por múltiplos conflitos que forçam a personagem a migrar para outros lugares e lhe moldam o carácter. Para além da situação inicial, já apresentada, é particularmente relevante conhecer o relato da derradeira fuga do solo russo em direção à Manchúria, após a sua taberna ter sido incendiada. Neste percurso, a menina Natasha é violada por um oficial russo que fugia, com ela, à revolução. Indignada, vinga-se com a amputação, a tiro, do aparelho genital do homem com recurso à antiga arma de fogo do falecido pai. O episódio encerra os dois primeiros capítulos que apresentam a jovem russa como alguém de sentido prático, com rigidez de carácter e impelida para a ação<sup>12</sup>.

<sup>10</sup> Atualmente designada por “Ussuriysk”. Esta zona fica, curiosamente, entre o território japonês e o chinês. Esta posição geográfica aguçou a possibilidade de conflito, mas também, a riqueza que só uma guerra permite.

<sup>11</sup> Em relação à personagem, pode ler-se: “O velho militar, manco de uma perna mas forte de corpo e lúcido de espírito, instalou um pequeno comércio de secos e molhados em Nikolskoye, uma aldeola na margem direita do Amur, onde os ciganos contrabandistas se abasteciam de peles e vodka e regressavam com sedas, tapeçarias e artigos de luxo oriundos das grandes cidades do Sul” (CARVALHO, 2001, p. 24).

<sup>12</sup> O relato, apesar de denso, é consistente com o provérbio russo de então: “A chicken is not a bird and a woman is not a human being” (WEEKS, 2011, p. 53).

Posteriormente, rodopiando pela geografia oriental, Natasha chega a Xangai. Aqui, a russa contacta com uma cidade que exhibe um hiato irreal entre um mundo que se prepara para a guerra e as ruas chinesas, cosmopolitas, de requinte e de glamour:

Sentiu-se atordoada pela torrente de pessoas da Nanking Road, as viaturas desordenadas amedrontaram-na, as enormes monstros dos grandes estabelecimentos comerciais maravilharam-na, os imponentes edifícios imperiais do Bund amesquinham-na, e espantaram-na as esguias chinesas apertadas em cabaia de seda acolchoada, e as elegantes ocidentais, de múltiplas nacionalidades, magras, escorridas de formas e de roupa como o impunha a mais recente moda de Paris (...). Natasha sentiu-se envergonhada da sua figura de camponesa (CARVALHO, 2001, p. 47).

Neste espaço, uma nova realidade irrompe ante a personagem e impõe-lhe outra autoimagem. Em Xangai, Natasha reconhece-se campónia, iletrada e sem um círculo familiar ou de amigos que lhe possa valer. O relato literário é consistente com a caracterização genérica da população russa comum. Weeks (2011) partilha o seguinte:

Most Russians (and non-Russians within the empire) could not read, lived on the countryside, followed patterns of everyday life that would not have differed greatly from those of a century earlier, and identified themselves mainly by religion, social class (*soslovie*) and local village (WEEKS, 2011, p. 53).

Neste cenário de possibilidades redutoras, é iniciada pela sua colega de quarto na mais velha profissão do mundo. Passa a trabalhar como *dancing girl* no clube noturno gerido por Igor Ostrakoff<sup>13</sup>, também ele um refugiado russo.

Curiosamente, Natasha aproxima-se de um outro “ser de papel”. Fala-se de Chan Nui, figura apresentada na coletânea de contos *Cheong-Sam - A cabaia* de Deolinda da Conceição<sup>14</sup>. Nesta breve narrativa, Conceição apresenta uma mulher que testemunha o alastramento da guerra a Xangai e, com este, a degradação física e moral da família:

E não tardou que as bombas dos japoneses comessem a cair sobre Xangai. O casal e os três pequenitos vinham fugindo mais para o sul ainda, sem possibilidades de obter notícias da sua terra e das pessoas de família. O dinheiro ia desaparecendo, sem facilidades de receber qualquer auxílio da casa. Na cidade onde se foram acolher, não conheciam ninguém. Instalaram-se numa hospedaria e esperavam o termo das hostilidades. Mas as coisas pioravam e o dinheiro ia desaparecendo. Mudaram para outra hospedaria mais barata e, assim, sucessivamente, até que foram parar a um quarto escuro, cheio de fumo, nas traseiras duma casa de hóspedes, de fama duvidosa (CONCEIÇÃO, 1995, pp. 17-18).

<sup>13</sup> Personagem nuclear no romance *Requiem por Irina Ostrakoff*.

<sup>14</sup> Seabra também acentua a ligação temática a Deolinda da Conceição (2015, p. 311).



Conforme é sistematizado em d'Alte (2021), a decadência deste casal leva a mulher a sentir repulsa pelo marido que, aos seus olhos, não faz o necessário para salvar a família da morte certa. Assim, revoltando-se contra “os preconceitos, as tradições, a dignidade e tudo quanto faz parte da vida normal” (CONCEIÇÃO, 1995, p. 18), verbaliza que está disposta a tudo, incluindo vender a alma e o corpo. E, de facto, tal se sucederá. Subvertendo o modelo de família tradicional, Chan Nui encontra emprego nos *dancings* da cidade e começa a levar dinheiro para casa, assumindo-se como o ganha-pão. Diametralmente oposta, como antítese, surge a personagem do marido que resta só, em casa e a tomar conta dos filhos (D'ALTE, 2021, p. 28).

Já a chegada do casal Ostrakoff a Xangai foi envolta numa conjuntura diferente. Após o casamento na Rússia, partem pela Europa, em lua de mel, ignorando os focos tensionais entre “os sérvios, os bósnios, os croatas, os montegrinos e os outros [que] andavam permanentemente à bulha entre si, não era novidade” (CARVALHO, 1993, p. 117). Com o eclodir da revolução, o par fica sem conseguir aceder à sua fortuna e entra numa espiral negativa que lhes cambia o estatuto político e social.

Importa relembrar a grandeza do primeiro turbilhão político que o casal enfrenta. Conforme se destacou anteriormente, é nítida a importância do território ucraniano, de onde Irina é originária, no quadro da economia russa, assinalando-se, desde logo, a sua importância geopolítica que forçava constantes tensões entre populares intenções independentistas e fações pró-russas que pretendiam manter a Ucrânia debaixo de uma lógica de território colonial<sup>15</sup>. Com efeito, pelo estudo *Ukraine and Russia, A History of the economic relations between Ukraine and Russia (1654-1917)* se percebe o fulgor ucraniano no que é atinente à indústria e ao capital: “on the eve of World War I Ukraine had 17 smelting plants and 6 mills, of which half were rolling mills” (KONONENKO, 1958, p. 155). A partir da Ucrânia, área tida como território pertencente ao império russo, assegurava-se a refinação de açúcar e, também, a indústria do algodão, do carvão e da metalurgia, vitais para a economia russa (KONONENKO, 1958). De facto, os valores atingidos pela pulsante economia ucraniana permitiam, à Rússia, um importante sustento no quadro do esforço bélico.

---

<sup>15</sup> Segundo Kononenko (1958), este estatuto de território colonial é, no caso da Ucrânia, bastante desafiador pois esta zona do globo não exhibe, à entrada do século XX, um desajuste industrial face à metrópole conforme se verifica na relação de potências europeias com territórios africanos ou das américas. Aliás, em termos de produção metalúrgica e cerealífera, é a Ucrânia quem assegura o fornecimento do mercado interno russo.

Conforme se percebe, não existe qualquer benefício, por parte da Rússia, em prescindir da Ucrânia. A este fator, outros de impacto mundial crescerão e condicionarão a vida das personagens à medida que surgem. Em primeiro, o início da Primeira Guerra Mundial cujo episódio catalisador ocorre na fronteira leste do território ucraniano com o império Austro-húngaro: o atentado de Sarajevo. Em segundo, as crises políticas russas e a ascensão de Lenine ao poder.

Vítimas do início de uma guerra maior do que eles, pela primeira vez, tornam-se refugiados e dependentes da ação de outro estado. Este facto é particularmente caricato, porque o casal não pertence, socialmente, aos estratos sociais que precisam de migrar em busca de melhores condições de vida. Aliás, tendo-se deslocado para celebrar a lua de mel, nem sofrem a ação dos chamados “agentes de diáspora”<sup>16</sup>. Efetivamente, o par não escolheu ser imigrante ou refugiado, tal decorre como consequência do tumor político na Rússia. Em todo o caso, Irina e Igor passarão a experienciar o drama universal dos refugiados:

They will want not merely to save their lives, but to make a living once they arrive in a place of safety. Similarly, those who come in search of employment may be excluded from work or education in their country of origin because of their gender, religion or ethnicity. Those who leave looking for work may be forced to move again because of discrimination. In the countries where people settle, those who arrive as refugees will join labour migrants in the competition for accommodation, education and employment (SCHUSTER, 2016, p. 297).

O evento é custoso e força-lhes tanto a erosão identitária como a emergência de diferentes valências:

Irina principiou a desfazer-se das suas jóias a preço substancialmente inferior ao valor real. Em guerra como na paz, há quem perde e há quem ganha. (...) [Igor] decidiu-se a procurar emprego compatível com a dignidade de oficial do exército imperial, ainda que em situação mal definida (desertor? refractário?) mas, apesar de tudo, oficial dos cossacos do czar. Infelizmente, os parisienses não se impressionaram com isso e a sua falta de preparação para qualquer ramo de actividade produtiva, a perturbação da economia ocasionada pela situação de guerra, o afluxo de refugiados a Paris e, principalmente, a sua nacionalidade estrangeira cerceavam-lhe consideravelmente as pretensões (CARVALHO, 1993, p. 120).

Após várias tentativas falhadas, Igor sucede em obter emprego como porteiro de um hotel. Posteriormente, seria agraciado com a promoção a rececionista. Irina, por sua vez, não consegue

---

<sup>16</sup> São tidos como potencializadores migratórios a evidência de, pelo menos um, dos seguintes fatores: ausência de segurança interna no país; insegurança religiosa ou política; desastres naturais; migração laboral ou educacional; casamento com um parceiro que reside num território externo ou motivos de união familiar (EMBER et. al., 2005).

rendimento e evidencia a desigualdade de gênero no acesso a oportunidades de emprego e ao próprio mundo laboral. No fragmento textual evocado, a mulher sofre a lógica da sociedade patriarcal<sup>17</sup>, que inibe a mulher de participar ativamente na sociedade, afastando-a de papéis sociais típicos reservados ao homem:

a que espécie de serviço poderia Irina aspirar? Que sabia ela fazer? Piano, línguas... a sua educação de herdeira aristocrática preparara-a mal ou, antes, não a preparara de todo para a dura competição num mercado em que o trabalho era, nos escalões profissionais mais elevados, vedado às mulheres e, nos outros, sujeitos sabe Deus a que riscos. As profissões aceitáveis para mulheres novas de boas famílias decaídas de fortuna reduziam-se, praticamente, às de dama de companhia e de preceptora: e qualquer delas exigia uma disponibilidade só conciliável com o estado de solteira (CARVALHO, 1993, p. 124).

A introspeção de Irina permite, por um lado, perceber a dominância de valores patriarcais; por outro, a formatação da mentalidade da personagem ao falhar perceber que pode, sem qualquer limitação, assumir as mesmas funções que Igor desempenha. Inevitavelmente, Irina é refém de um estado de coisas identificado por Adichie (2014) e que diz respeito à cristalização de situações sociais nas quais a mulher é entendida como inferior, inábil ou incapaz: “If we do something over and over, it becomes normal. If we see the same thing over and over, it becomes normal. If only boys are made class monitor, then at some point we will all think, even if unconsciously, that the class monitor has to be a boy” (ADICHIE, 2014, p. 7).

Por seu turno, no que diz respeito ao elemento masculino do casal, a sua progressão contrasta com o estaticismo de Irina. Igor, por virtude de uma amizade travada com Desiré Dieudonné, recebe a proposta de gestão de um hotel em Xangai. O casal, após tratar da obtenção do estatuto de refugiado e com bilhetes em segunda classe, parte rumo ao Oriente. Aqui, mais uma vez, a narrativa exhibe um modo de atuar alicerçado na lógica patriarcal. É Igor quem detém as rédeas da situação e decide sobre o agregado familiar. Na lição de Lieven,

[t]he laws governing marriage permitted husbands and fathers to exercise virtually unlimited power over other family members, and required a wife to submit to her husband as head of the household and to live with him in love, respect and unlimited obedience (LIEVEN, 2006, p. 309).

---

<sup>17</sup> Entende-se o conceito na definição de Tyson: “which can be defined, in short, as any culture that privileges men by promoting traditional gender roles. Traditional gender roles cast men as rational, strong, protective, and decisive; they cast women as emotional (irrational), weak, nurturing, and submissive” (TYSON, 2006, p. 85).

pedrodalte@outlook.pt Apesar de serem constantemente influenciados por condições históricas, conforme nota Brookshaw (2002), as personagens seguem sem ampliar, verdadeiramente, o seu capital de conhecimento e de experiência de modo a melhor contornar situações problemáticas. Aliás, na cidade chinesa, ainda que possuam condições diferentes das da capital francesa, demonstram, mais uma vez, extrema ignorância pela conjuntura social em seu redor:

Cegos em Xangai! Tão cegos como em Paris, tão cegos como em Odessa. Encerrados no seu pequenino mundo, artificial e brilhante, absorvidos num quotidiano de lucros fáceis, compromissos sociais e pequenos escândalos, os privilegiados daquela sociedade fechada cerram os olhos e parecem ignorar a tempestade que lavra à sua volta, no país imenso, e, mais perto, já portas a meias, naquele outro mundo da cidade chinesa de bairros fétidos onde reinam as tríades, a corrupção, a prostituição, a droga, a miséria. Para os *tai-pans* e outros *kuai-lous* menores, seguros numa arrogante extraterritorialidade e no seu próprio policiamento municipal, “aquilo” era cor local. Os “chinas”, de resto, tinham sido sempre assim! E as nuvens negras, acauteladas num horizonte próximo e ameaçador, avançam (CARVALHO, 1993, p. 147).

Mitter (2004), num registo historiográfico, permite ampliar o conhecimento sobre o cenário literário trazido por Carvalho. O autor, sobre o contacto fronteiriço destas regiões nas décadas de vinte e de trinta, salienta o mal-estar emergente: “Chinese were frequently on the end of racist attitudes and abuse from the British, French, Americans and Japanese who made up the bulk of the foreigners whom they encountered. Events such as the May Thirtieth Movement of 1925 showed how clashes could spiral” (MITTER, 2004, p. 50).

Porém, Igor falha em auscultar os focos tensionais e continua “explorando o seu Hotel de France e testando profissionalmente as *taxi-girls* candidatas ao Café de Paris. O actual desafogo financeiro permitia-lhe um estilo de vida que, no seu exílio de Paris, jamais pensara alcançar” (CARVALHO, 1993, p. 148). Nesta moldura, as referências à prostituição tornam-se recorrentes e espelham o universo da experiência. Com efeito, apesar de os chineses tentarem eliminar a prostituição, os japoneses criaram amplas e mascaradas redes de prostituição:

Before this time, the Chinese government had made efforts to abolish prostitution in Shanghai. In 1929, the operation of Japanese brothels in this city was officially banned (...). However, Japanese prostitutes were employed as “waitresses” at Japanese restaurants in the city, and continued their business (TANAKA, 2002, p. 31-32)<sup>18</sup>.

---

<sup>18</sup> A situação iria evoluir para uma prostituição controlada militarmente e restrita ao uso de soldados japoneses. Duas vezes por semana, “prostitutes” at these houses received medical examinations conducted by a venereal disease (VD) specialist, accompanied by a member of the naval force and a Japanese police officer attached to the Consulate-General’s office (TANAKA, 2002, p. 33).

O romance *A mãe*, por mecanismos de intertextualidade, entrecruza as vidas de Natasha e de Igor, na mesma baliza temporal. Este tempo corresponde à época na qual Natasha encontra serviço como empregada de mesa. Volvidos cinco anos, o feitio intransigente de Natasha impede-lhe a aceitação das imposições do seu patrão e compatriota. Sai do clube gerido por Igor Ostrakoff e emprega-se num café-restaurant que é, tendencialmente, frequentado por estudantes. Enamora-se do que viria a ser o seu marido, Vassili Yakovitch, um jovem estudante, frequentador do espaço. Ele tem aspeto frágil e é de ascendência judaica. Natasha engravida e casa com ele. Posteriormente, a russa fica à frente do negócio do café-restaurant “Au Petit Bistrot”, pois o dono francês já se encontra em idade avançada. O primeiro filho da parelha é oligofrénico, grau avançado, e condiciona grande parte da vida familiar. O casal faz mais quatro filhos, duas meninas e dois meninos gémeos. Vassili torna-se professor no Instituto Politécnico de Xangai e encontra-se, finalmente, em condição de subsidiar a sua própria família.

O quadro de aparente estabilidade rotineira, no qual todas as personagens habitam, é abalado pela Guerra do Pacífico. De início, Igor Ostrakoff acreditava que as suas vidas continuariam intocáveis, numa “torre de marfim”:

A declaração formal, em 1937, do estado de guerra entre o Japão e a República da China não impressionou Igor. Afinal, já estavam em guerra há muito tempo e aquilo não seria senão o reconhecimento oficial de uma endémica beligerância. De qualquer forma, as zonas internacionais eram invioláveis e o Japão, com interesses económicos na área, reconhecia-o (CARVALHO, 1993, p. 151).

O recorte em apreço adensa, de novo, a “cegueira das personagens” e opera com força satírica e irónica ao recorrer ao vocábulo “inviolável”. Relembre-se que, no ano de 1937, nas primeiras quatro semanas de guerra, é de crer que tenham perecido cerca de 300 mil chineses e tenham sido violadas entre 20 a 80 mil mulheres na cidade de Nanquim, no que é, ainda hoje, considerado das maiores atrocidades nas histórias de guerra (JACOB, 2018).

Aliás, tal como todas as personagens viriam a sentir, a guerra impedira quaisquer hipóteses de felicidade:

Igor teve a informação de que o Hotel de France passara a ser considerado centro suspeito e para o futuro vedado às tropas japonesas, compreendeu que a situação se tornara insustentável: era visto pela guerrilha como simpatizante dos nipónicos; por estes, como abrigando elementos daquela (CARVALHO, 1993, p. 154).

Por sua vez, também o clã Yakovitch se vê forçado a exilar-se em Macau, impelidos pela perseguição que os nipônicos faziam aos judeus.

### *Em Macau*

Na cidade de Macau, os Yakovitch experienciam o drama do exílio e, de forma indireta, a guerra<sup>19</sup>. Autodeclarados como apátridas, beneficiam do protetorado limitado do local. Dito de outra forma, é-lhes permitida a permanência, mas não usufruem da melhor, ainda assim precária, assistência assegurada pelo governo aos refugiados de nacionalidade portuguesa (CARVALHO, 2001, p. 142). Em todo o caso, Austin Coates enaltece a benévola e misericordiosa política portuguesa por aceitar os refugiados de guerra:

The whole of gambling taxes - \$2.000.000 – were made over by the government to the assistance of the refugees. Indeed Macao's entire conduct during the period from Christmas 1941 to August 1945, when Hong Kong was under Japanese occupation, was a gesture of unselfish friendship, made in Portugal's traditional style, regardless of dangers which others less magnanimous might have thought it more prudent to avoid (COATES, 1978, p. 103).

Com um horizonte de possibilidades restrito, o casal aloja-se em condições deploráveis numa estalagem chinesa<sup>20</sup>. Aí, a mãe russa coloca bolinhas de algodão nos ouvidos dos filhos para que estes não se apercebam das obscenidades vizinhas. Para os dias seguintes, a mulher traça um plano. Primeiramente, a mãe começa por tentar localizar conterrâneos. Infelizmente, como depressa depreenderá, não lhe poderão valer dado viverem em condições semelhantes ou piores do que as suas. As constantes deslocações, em busca de trabalho ou do paradeiro de conterrâneos, permitem a Natasha sentir o pulso da cidade. Os percursos são descritos em tom negro e disfórico, revelando um cortejo de dor no qual a dignidade humana se suspende:

---

<sup>19</sup> Saldanha, na obra *A guerra vista de Cantão*, escreve sobre a posição geopolítica de Salazar. Segundo Saldanha, o estatuto de neutralidade é o pretendido por António Oliveira Salazar que, recordando a considerável tradição histórica e os interesses portugueses no Extremo Oriente, refere: A política do Governo Português acerca do conflito do Extremo Oriente tem sido e propõe-se continuar a ser de completa neutralidade. Assim tem sido afirmado pelo governo de Macau e assim o dissemos ambas as partes e à Inglaterra. A nossa atitude na Conferência que V. Ex.<sup>a</sup> é Presidente da Delegação Portuguesa deve ser de favorecer tudo o que tenda para a conciliação e evitar e contrariar tudo o que posso irritar uma das partes...” (SALDANHA, 1998, p. 12).

<sup>20</sup> Braga esclarece quais as possibilidades mais comuns para alojamento: “There were principally the Bela Vista Hotel, Teatro Dom Pedro V, the many classroom of the Escola Luso Chinesa, another converted Chinese school renamed the Armazém, Grémio Militar, Armazém (a house owned by the Remedios family on Rua do Barão), Bairro Tamagnini Barbaosa (a settlement of refugee cottages), and a house at No. 3 Praia Grande (BRAGA, 2014, p. 121).

Junto aos quartéis formavam-se filas de indigentes, de marmitta ou de velhas latas em punho, à espera da distribuição de restos do rancho do dia, e às portas das igrejas, dos pagodes, dos mercados, dos restaurantes, os mendigos amontoavam-se sob trapos imundos de cor indescritível, exibiam mazelas repugnantes para concitar a compaixão, e as crianças, esquálidas e esfarrapadas, os ventres dilatados pela fome, a pele dos rostos macilentos colada à caveira e empastada de imundície, perseguiram os transeuntes e estendiam as mãos esquálidas à esmola que ninguém tinha para dar (CARVALHO, 2001, p. 148).

Progressivamente, a situação agudiza-se e os filhos do casal sofrem imensuravelmente com os efeitos da guerra. Releia-se a descrição da cidade cuja fome leva os habitantes a práticas de canibalismo<sup>21</sup>:

A população local tolera-os com algum ressentimento: a fome abunda e os recursos locais são escassos. De noite, morre-se de inanição sob as arcadas da cidade e, de madrugada, a carreta da Polícia recolhe os cadáveres, alguns já amputados das vísceras que vão matar a fome intolerante de muitos outros desgraçados (CARVALHO, 1993, p. 163).

Adensa-se, conforme se depreende, o drama familiar, pois nenhum dos dois elementos do casal consegue arranjar forma de contrariar as condições vigentes. Vassili tenta, sem sucesso, o suicídio. A Natasha, são-lhe sugeridas as hipóteses menos dignas. Num dos cenários, que retome a vida ligada à prostituição, num *night club*. Porém, como depressa lhe fazem ver, a idade já não joga a seu favor e ela dificilmente iria conseguir disputar a atenção com a “fartura de moças chinesas, *mignonnes*, de bocas carnudas e olhos amendoados que pipilavam pelos *cabarets* e prostíbulos de Macau, jovens e graciosas, esguias de formas e acetinadas de pele” (CARVALHO, 2001, p. 160). Numa outra possibilidade, sugerem-lhe que iniciasse as suas filhas na prostituição, pois chineses valorizavam sobremaneira as *spring chickens* (CARVALHO, 2001, p. 149). Natasha recusa, vociferando: “Seu chulo imundo! Se você levanta um dedo para as minhas filhas, corto-lhe os tomates” (CARVALHO, 2001, p. 150).

Apesar de conotado e associado a uma forte degradação moral, sobretudo a Ocidente, este negócio exhibe uma tradição secular a Oriente. Há, pois, uma transposição cultural na qual se procura reproduzir práticas aceitas na sociedade chinesa em indivíduos russos. De certa forma, também se pode aplicar o que Simas escreveu a respeito de tensões interétnicas em Macau. Neste sentido, as distintas formas de atuar constituem-se como “arenas comunitárias com claras

---

<sup>21</sup> Miguel Real, no seu romance *A cidade do fim*, relata, de forma pormenorizada, o assassinato e conseqüente remoção de órgãos para consumo por parte de dois chineses (REAL, 2013, p. 61-65).

distinções étnicas e culturais que favoreceram (...) a demarcação de fronteiras e também de preconceitos” (SIMAS, 2013, p. 25).

No romance de Senna Fernandes, *Amor e Dedinhos de Pé*, pode ler-se uma situação semelhante. A personagem principal, “Chico-Pé-Fêde”, concretiza um negócio idêntico ao negociar a virgindade de uma jovem com um velho chinês rico que, na noite de prazer, doma a rapariga pela força: “-Estava muito arisca no princípio. Nem se queria banhar. Tive de chibateá-la. Depois a resistência cessou. Você tinha razão! Uma donzela restaura a virilidade” (FERNANDES, 2012, p. 105). Nota-se que, em casos de pauperismo irreconciliável, é comum, na sociedade chinesa, que se vendam as filhas (D’ALTE, 2021). Sobre o aspeto revelado, Seabra partilha:

Como o infanticídio feminino era uma prática corrente na China, muitos chineses, pressionados pela miséria, em vez de matarem as suas filhas, vendiam-nas aos portugueses. Outros, roubavam-nas ou compravam-nas aos seus conterrâneos para as revenderem em Macau. (...) Surgiram, assim, muitos chineses sem escrúpulos a praticarem este tráfico com os portugueses de Macau, que, com ele auferiam grandes lucros. As escravas chinesas eram, geralmente, raptadas quando crianças, por traficantes locais, ou vendidas pelos próprios pais, podendo as mesmas ser libertadas por alguém que as quisesse levar para suas casas como concubinas (SEABRA, 2007, p. 612-613).

Retomando a narrativa de Carvalho, as deambulações pela cidade logram por Natasha em contato com o padre Percival Fernandes que sugere, com base na ascendência judaica de Vassili, que o casal tente emigrar para a América. Para isso, apresenta-lhes a hipótese de preenchimento de um formulário que se consubstancia como pedido formal para o efeito.

Porém, a possibilidade de saírem para a América tarda. Miseráveis, dedicam-se à indústria doméstica dos panchões e recorrem a créditos para se sustentarem. A situação torna-se deplorável. Absorta na espiral negativa, Natasha revive o episódio no qual lhe é sugerido que explore sexualmente as filhas. Completamente degradada e depauperada, não tem condições de negar a proposta, mesmo ante a aspereza dos argumentos apresentados:

-Que idade tem a sua mais velha? Catorze? Quinze? Está uma mulherzinha e aposto que já tem namorado... E, se o não tem, mais dia menos dia arranja um marmanjo qualquer. E você sabe como são os moços, não se contêm e ela dá-lhe de graça aquilo que lhe pode render muita massa... Que desperdício! (...).  
-E o que é que ela perde com isso? A virgindade? Ora! Um pedaço de pele sem valor nenhum... Você sabe muito bem que hoje ninguém, absolutamente ninguém lhe dá qualquer importância. E então entre os refugiados!... Mas ainda há gajos, velhos e ricos, alguns que já nem podem com uma gata pelo rabo, para quem isso tem muito valor. E estão dispostos a pagá-lo e bem! O que é preciso é conhecê-los e saber negociá-lo... E é aí que posso ajudar... (CARVALHO, 2001, p. 170-171).



Por duas mil patacas, o silêncio cai na casa dos Yakovitch. Após receber a maquia, Natasha compra bens essenciais, o mínimo para garantir a sobrevivência. Porém, a completa deterioração da personagem dá-se com a imbricação, simultânea, da degradação física e moral dos elementos da casa. Ludmilla confia à mãe que os irmãos podem comer as suas guloseimas, pois o chinês que lhe garantiu os serviços anteriores irá oferecer-lhe mais bens se ela regressar à casa dele, nessa noite. Emudecida, a mãe anui sem escolha, relembrando-se que é uma situação temporária, até partirem para a América<sup>22</sup>.

O casal obtém, no fim da narrativa, passagem para a terra prometida, não sem antes todas as filhas do casal se terem iniciado na prostituição com o aval dos progenitores e o filho com deficiência ter perecido.

A Irina Ostrakoff também está reservado um percurso probatório que erode as traves-mestras da sua identidade, alicerçadas nos valores da religião, da moralidade, dos costumes, do casamento e do amor.

A narrativa apresenta o desmoronamento familiar de que se fala em diferentes pilares. No plano amoroso, apesar de Irina se ter casado por amor e com a aprovação da família, ter sido incontavelmente traída por Igor, que se dedica a todos os prazeres mundanos e imediatos da vida, levá-la-á, também, a realizar o adultério. Desencantada e após um longo período de privações emocionais, acabará por ceder aos encantos de Tarcísio que lhe faz a corte e a valoriza. Daqui, advirão enormes sentimentos de culpa e o remorso.

No plano financeiro e social, o casal falha em reeducar-se e em ajustar-se à sua condição social. Nos períodos menos frágeis, Irina e Igor gastam o dinheiro ganho como cantores e músicos no mercado negro, porque se recusam a ir às filas e a aguardar fornecimento:

com o seu emprego como vocalista, Irina adquiriu justificação moral para fugir às bichas: não lhe era possível perder todo aquele tempo ao sol e à chuva. Passaram por isso a recorrer mais frequentemente ao mercado negro e a pagarem multiplicadamente os magros géneros conseguidos (CARVALHO, 1993, p. 182).

---

<sup>22</sup> Apesar de emocionalmente debilitante, a cena não consegue rivalizar com outros cenários tocados e abalados pelo Japão. O livro “Comfort Woman. A Filipina’s story of prostitution and slavery under the Japanese military” partilha relatos de mulheres filipinas que são violadas mais de doze vezes por dia, em condições destituídas de qualquer dignidade humana: The following day was hell. Without warning, a Japanese soldier entered my room and pointed his bayonet at my chest. I thought he was going to kill me, but he used his bayonet to slash my dress and tear it open. I was too frightened to scream. And then he raped me. When he was done, other soldiers came into my room, and they took turns raping me. Twelve soldiers raped me in quick succession, after which I was given half an hour to rest. Then twelve more soldiers followed. They all lined up outside the room waiting for their turn. I bled so much and was in such pain, I could not even stand up (TANAKA, 1999, p. 36).

Existe, inclusivamente, a eterna relutância de Irina em vender o anel que mais diretamente a liga ao passado familiar, glorioso (GAGO, 2018, p. 283). O gesto pode ser lido de diferentes formas: como uma recusa em aceitar a condição social vigente, crendo que toda a guerra é, nada mais do que um hiato entre o mundo prévio e um outro que agora emerge, ou; como um bálsamo sentimental, um objeto que lhe recorda um passado feliz e uma família intacta.

Em todo o caso, a tendência para se colocarem, ciclicamente, em situações desfavoráveis levará o casal a ser despejado. Encontrarão teto na exígua casa de Big Bertha, uma conterrânea que os auxilia: “Que cruel ironia... a neta dos Orkoff dormindo na cama de uma prostituta” (CARVALHO, 1993, p. 219).

O casal conseguirá, contudo, sobreviver aos anos da guerra graças aos dinheiros que Igor vai recebendo e da chantagem que este faz a Tarcísio, ameaçando denunciar o *affair* que ele tinha tido com a sua mulher, manchando a reputação de todos os envolvidos. Nos anos seguintes, Igor abandonará a mulher para perseguir carreira noutras paragens asiáticas. Irina tenta, sem sucesso, o suicídio. Após este ato, evidencia o seu espírito religioso ao tentar ter a absolvição do padre para o seu comportamento<sup>23</sup>. A diegese progride e dá conta de que Irina executa vários trabalhos menores que se consubstanciam como inconsequentes tentativas de se integrar numa sociedade da qual é desconhecadora e refugiada. No fecho diegético, já fragilizada, falece vítima de um ataque cardíaco.

### **Considerações finais**

As narrativas de Rodrigo Leal de Carvalho são bastante recentes, especialmente se inseridas no panorama da produção, em língua portuguesa, de literatura de Macau. Os textos exibem traços históricos e etnográficos funcionando como um acervo documental preciso e que permite, ao leitor, aceder a ambientes e a figuras altamente contextualizados. A estratégia de encenação porta, assim, um potente *effet de réel* que amplia a verosimilhança narrativa, retratando todo o tipo de experiência humana (HAIDUKE, 2011, p. 122). Aliás, sobre este aspeto, é precioso reler a nota introdutória do autor que serve como verificação do ato narrativo

---

<sup>23</sup> Lieven regista uma alteração na conceção do casamento. Nos finais do século XVIII, progressivamente, “the Russian Orthodox Church steadily increased its authority over marriage and divorce, emphasizing more than ever before the sacramental and indissoluble nature of marriage. The Church made divorce virtually inaccessible to the Russian Orthodox faithful, the majority of the population. Grounds for annulling a marriage also narrowed and were even more narrowly applied (LIEVEN, 2006, p. 309).

ao alegar que a trama é a partilha de uma história contada por Gabi Andrades Borges (CARVALHO, 2001, p. 5).

A contextualização evocada fornece um importante retrato das personagens e das suas experiências, tendo o interesse académico deste estudo incidido sobre a representação das figuras femininas e suas ações.

Percebeu-se, à luz dos textos estudados, a dinâmica de uma “total war”. Isto é, todas as figuras da sociedade são colocadas em risco, desalojadas do seu mundo, independentemente das categorias de género ou de função social<sup>24</sup>. No entanto, apesar de uma certa transversalidade do sofrimento e da fome, é de notar que as personagens femininas são as únicas às quais se reservam incursões pelo universo da sedução forçada de um protetor ou, inclusivamente, a entrada no mundo da prostituição. Os homens têm a oportunidade de exercer, nas narrativas apresentadas, profissões menos degradantes do ponto de vista moral e emocional. Em todo o caso, no que é atinente ao corpo físico feminino, Macau parece afastar-se de outros relatos de violação em massa ou sucessiva, como foi, por exemplo, no caso das Filipinas ou de Timor. Aos homens, contrariamente, são propostas, conforme se referiu, outras categorias ou rótulos sociais, como os de guerrilheiro, combatente ou decisor familiar.

Um outro aspeto que se tornou evidente na leitura das obras de Carvalho é que estes cenários, de manifesta ruína moral, evidenciam uma preocupação que se aloja, sobretudo, às figuras femininas e que tem que ver com a intenção de manutenção dos valores tradicionais de ‘família’, de ‘casamento’, de ‘religião’. O homem “traz dinheiro para casa” e circunscreve, grandemente, a sua ação familiar a esse esforço. A dimensão mais subjetiva e relacionada ao bem-estar emocional da família é, sobretudo, desempenhada pelo elemento feminino. Note-se que, progressivamente e neste âmbito, as personagens femininas se tornam disfóricas e descrentes das capacidades dos companheiros que as desiludem, ciclicamente.

A ironia, tão presente nas obras do autor, está reservada ao papel da mulher. É, de facto, de notar que as figuras em análise sobrevivem ao colapso dos maridos e conseguem, por claro mérito próprio, levar o barco familiar a bom porto, numa clara mensagem de valorização da mulher.

---

<sup>24</sup> Lamarra escreve: “latest studies show how the Second World War, with the disappearance of the distinction between the military and the home fronts, between the risks for soldiers and for civilians, and with its nature of “total war” – in the sense that it totally intrudes upon everyone’s daily life – changed the lives of women as much as it changed those of men in that in the absence of men, women had to bear all the responsibility for the survival not only of their own families but also of society at large” (LAMARRA, 2009, p. 145)

## Referências

- ADICHIE, C. N. **We should all be feminists**. London: Hammersmith, 2014.
- BAKHTIN, M. **Speech genres and other late essays**. Austin: The University of Texas Press, 1986.
- BARTHES, R. **A aventura semiológica**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2001.
- BIRCH, S. **Elections and democratization in Ukraine**. London: MacMillan Press, 2000.
- BRAGA, S. Nossa Gente (Our people). The Portuguese refugee community in wartime Macau. In Gunn, G. (2016). **Wartime Macau: Under the Japanese shadow**. Hong Kong: HKU Press, 2014, p. 116-140.
- BROOKSHAW, D. **Perceptions of China in Modern Portuguese literature**. New York: The Edwin Mellen Press, 2002.
- BUCHER, G. **Daily life in imperial Russia**. USA: Greenwood Press, 2008.
- CARVALHO, R. **A mãe**. Macau: Livros do Oriente, 2001.
- CARVALHO, R. **Requiem por Irina Ostrokoff**. Macau: Livros do Oriente, 1993.
- COATES, A. **A Macao narrative**. Hong Kong: Heinemann, 1978.
- CONCEIÇÃO, D. **Cheong-sam. A cabaia**. Macau: ICM, 1995.
- D'ALTE, P. Figurações da mulher nos contos macaenses de Conceição, Ondina Braga e Senna Fernandes. **Asas da palavra**, 18, 2, p. 20-36, 2021.
- EMBER, C.; EMBER, M.; SKOGGARD, I. **Encyclopedia of diasporas. Immigrant and refugee cultures around the world**. New York: Springer Science + Business Media, 2005.
- FERNANDES, S. H. **Amor e Dedinhos de pé**. Macau: ICM, 2012.
- GAGO, D. Travessias identitárias: representações dos refugiados em Macau na obra de Rodrigo Leal de Carvalho, **ALEA**, 20 (3), p. 277-298, 2018.
- HaiduKE, P. Du côté de chez Swann de Marcel Proust: apontamentos para um estudo histórico da modernidade na virada dos séculos XIX/XX. **Revista Tempo, Espaço e Linguagem**, 2, (3), p. 122-141, 2011.
- HAMON, P. “Un discours contraint”. In Barthes, R. et al. (org.). **Littérature et réalité**. Paris: Seuil, 119-181, 1982.

JACOB, F. **Japanese war crimes during World War II. Atrocity and the psychology of collective violence.** California: Praeger, 2018.

KONONENKO, K. **Ukraine and Russia. A history of the economic relations between Ukraine and Russia (1654-1917).** Milwaukee: Marquette University Press, 1958.

LAMARRA, A. “War in Women’s experience and writing”. In Lamberti, E. & Fortunati, V. (eds). **Memories and representations of War. The case of World War I and World War II.** Amsterdam: Editions Rodopi, p. 145-159, 2009.

LIEVEN, D. **The Cambridge history of Russia, Volume II. Imperial Russia, 1689-1917.** Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

MAGOCSI, P. R. **A History of Ukraine.** Toronto: University of Toronto Press, 1996.

MITTER, R. **A bitter revolution. China’s struggle with the Modern World.** Oxford: Oxford University Press, 2004.

OLIVEIRA, C. O conto na obra de Henrique de Senna Fernandes. **Administração**, XXIV, 3, p. 853-859, 2011.

PEREIRA, J. C. **O delta literário de Macau.** Macau: IPM, 2015.

PINA-CABRAL, J. **Between China and Europe. Person, culture and emotion in Macao.** London: Routledge, 2002.

PINA-CABRAL, J.; LOURENÇO, N. **Em terra de tufões: dinâmicas e etnicidade macaense.** Macau: ICM, 1993.

PIKE, F. **Hirohito’s war: The Pacific War (1941-1945).** London: Bloomsbury Publishing, 2015.

PLOKHY, S. **The gates of Europe. A history of Ukraine.** New York: Basic Books, 2015.

PUGA, R. M. Paisagens etnográficas de Macau e do Sul da China em *A chinesinha*, de Maria Pacheco Borges, e *Aquarelas de Macau 1960-1970*, de Ana Maria Amaro. **Revista de Cultura**, 39, 65-87, 2011.

REAL, M. **A cidade do fim.** Alfragide: Leya, 2013.

SEABRA, L. A mulher na Misericórdia de Macau. **Administração**, XX, 76, 605-617, 2007.

SCHUSTER, L. Unmixing migrants and refugees. 297-303. In: TRIANDAFYLLIDOU, A. (ed.). **Routledge handbook of immigration and refugee studies.** London: Routledge, 2016.

SIMAS, M. A literatura no contexto multilíngue de Macau: não pertencimento, abandono e orfandade. **Diadorim**, 22, (1), 24-39, 2020.

SIMAS, M. Trauma e memória nos contos de Deolinda da Conceição. **Revista de cultura**, 43, 23-29, 2013.

TANAKA, Y. **Comfort woman. A Filipina's story of prostitution and slavery under the Japanese military**. USA: Rowman & Littlefield, 1999.

TANAKA, Y. **Japan's comfort women: sexual slavery and prostitution during Word War II and the U.S. occupation**. London: Routledge, 2002.

TYSON, L. **Critical theory today. A user-friendly guide**. New York: Routledge, 2006.

VENÂNCIO, J. C. A literatura macaense e a obra de Henrique de Senna Fernandes. Um olhar histórico-sociológico. **Revista de História das Ideias**, 29, 691–702, 2008.

WEEKS, T. **Across the revolutionary divide. Russia and the USSR, 1861-1945**. Oxford: Blackwell, 2011.

Recebido em: 18/07/2022.

Aceito para publicação em: 10/09/2022.